

## A “ÁRVORE CÓSMICA” NUM APOCALIPSE PERSA

### Um elo possível entre a cosmogonia indiana e a estátua de Daniel?<sup>1</sup>

Júlia Câmara da Costa\*

#### Resumo

Este artigo visa a tornar mais compreensível o papel da “árvore cósmica” no texto persa *Bahman Yašt* (BY). Para tal, apresento as relações desta árvore com outras, em diferentes contextos, como a *Soma* védica. Porém, o objetivo final desta pesquisa é procurar demonstrar o elo que une a “árvore cósmica” do BY com a estátua presente em Dn 2 e o mito do “homem primordial” indiano, descrito por Bardesanes.

**Palavras-chave:** Judaísmo helenístico; literatura apocalíptica; literatura indo-européia arcaica; concepções matahistóricas.

#### Abstract

This article intends to make more comprehensible the role of the “cosmic tree” in the Persian text *Bahman Yašt* (BY). In order to realize this task, I present the relations between this tree and others, in different contexts, like the Vedic *Soma*. However, the final purpose of this research is to try to demonstrate the link that unites the BY’s “cosmic tree” with the statue in Dn 2 and the myth of the Indian “primordial man”, described by Bardesanes.

**Keywords:** Hellenistic Judaism; apocalyptic literature; Indo-European archaic literature; Metahistorical conceptions.

---

<sup>1</sup> Adaptação da comunicação feita no “VII Seminário de Estudos de Apocalíptica/I Seminário Interno do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos – PEJ/I Seminário do GEA UMEESP-UnB” em Brasília, de 28/11 a 01/12/2006.

\* Graduanda em História na Universidade de Brasília (UnB) e integrante do PEJ. Endereço eletrônico: j.camaradacosta@gmail.com.

Neste artigo tentarei mostrar a relação da “árvore cósmica” do apocalipse persa *Bahman Yašt*<sup>2</sup> (também chamado de *Zand-i Vohuman Yašt*) com o “homem primordial” da cosmogonia indiana descrito pelo gnóstico Bardesanes (155-223 d.C.). Para tal, apresentarei simbolismos ligados à árvore cósmica e sua diferença com a árvore da vida. Também mostrarei a árvore cósmica do BY como variante da idéia de “árvore única portadora de todas as sementes”, além de seus aspectos cósmicos e temporais que a diferenciam das outras árvores da mitologia iraniana.

Primeiramente é necessário ter uma melhor noção do que é o *Bahman Yašt*. Este não é originalmente um apocalipse, mas sim “uma compilação secundária de material apocalíptico de diversas origens”<sup>3</sup>. De qualquer forma, este é o único texto que pode ainda ser chamado de “apocalipse persa”, pois apresenta elementos, em sua narrativa, de caráter apocalíptico, como os sinais anunciando o fim do milênio de Zoroastro e outros eventos relacionados ao fim dos tempos, além do diálogo entre Zoroastro e Ahura Mazda, o “Senhor da Sabedoria”, a visão de quatro eras e, posteriormente, a visão das sete idades (ambas com forte ligação com o livro de Daniel). O que se tem hoje do BY é apenas um comentário produzido no período sassânida (221 a.C. – 642 d.C.) do original avéstico (um *zand*). Assim, o texto é escrito em *pahlavi*, ou persa médio.

Mas o que realmente interessa neste artigo é a aparição da árvore cósmica no primeiro capítulo do apocalipse persa. Em BY 1, surge uma árvore com galhos metálicos – de ouro, prata, aço e de algo não especificado misturado a ferro – representando reinados persas, alguns míticos e outros históricos. Um paralelo óbvio se encontra em Daniel 2<sup>4</sup>, onde o rei da Babilônia, Nabucodonosor, sonha com uma estátua cujas partes são compostas de ouro, prata, bronze e uma mistura de ferro e argila<sup>5</sup> – na interpretação fornecida por Daniel, uma seqüência de reinos mundiais, mas todos históricos (com exceção do império medo na interpretação tradicional).

---

<sup>2</sup> De agora em diante, o *Bahman Yašt* será abreviado para BY. Para este texto utilizo a tradução de CERETI, Carlo G. (ed.). *The Zand I Vohuman Yasn, A Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Instituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

<sup>3</sup> HULTGÅRD, Anders. Persian Apocalypticism In: COLLINS, John J. (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. Vol. 1. New York: Continuum, 1998, p. 43.

<sup>4</sup> Para os trechos analisados em Daniel utilizo *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

<sup>5</sup> Aqui temos uma possível alusão aos casamentos entre selêucidas e ptolomeus.

[...] *Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível. A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila [...].*

Aqui nos distanciaremos do tema dos metais e iremos nos deter na árvore.

A árvore, tal como aparece no BY, representa períodos da história mítica do Irã zoroástrico. Neste primeiro capítulo, Ahura Mazda diz a Zoroastro que a árvore é o mundo criado por ele, o Deus. Na primeira variante do mito do apocalipse, os galhos da árvore representam quatro idades e, embora não seja mais desenvolvido, o aspecto cósmico está canalizado para a imagem do milênio de Zoroastro<sup>6</sup>.

[...] *E, a partir disto, ele viu o tronco de uma árvore onde havia quatro galhos, um de ouro, um de prata, um de aço e um [no qual] ferro havia sido misturado. [...] Estes quatro galhos são as quatro épocas que virão. O de ouro é esta em que eu e você conversamos, e o rei Wištāsp aceita a religião e quebra os corpos dos dēws<sup>7</sup> [...] E o de prata é o reinado [de] Ardaxšīr, o rei Kanaída. E o de aço é o reinado [de] Husraw de alma imortal, filho de Kawād. E o no qual ferro foi misturado é o maligno reino [dos] dēws de cabelo partido da descendência de Xēšm, quando isto for o fim do décimo século, ó Spitāmān Zarduxšt [...].*

Uma importante evidência que une a tradição de Daniel à árvore cósmica é apresentada na literatura para-daniélica qumraniana. Entre os Manuscritos do Mar Morto, 4Q552-553, de composição em aramaico, alude ao tema dos quatro impérios mundiais<sup>8</sup> (como visto, também presente no livro canônico de Daniel). A novidade aqui é que a metáfora relativa aos impérios

<sup>6</sup> HULTGÅRD, Anders. Mythe et Histoire dans l'Iran Ancien In: WIDENGREN, Geo et alli. *Apocalyptique Iranienne et Dualisme Qoumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995, p. 110.

<sup>7</sup> A definição em *pahlavi* para *dēws* é “inimigos demoníacos”. Boyce acredita que, pelo menos na versão original, eles deviam ser identificados com os macedônicos.

<sup>8</sup> 4Q552-553: “...[Eu vi um anjo] 2. permanecendo sobre o que ilumina (brilhava) e quatro árvores [ficaram ao lado] dele. E as árvores levantaram-se e afastaram-se dele. E ele disse [a mim: Você vê] esta figura? E eu disse: Sim. Eu a vi e a tomei em consideração. E eu vi a árvore...estabelecida. E eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? E ela me disse: Babel. E eu disse a ela: Você é a que reina sobre a Pérsia? E eu vi outra árvore... e eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? [E ela me disse:... e eu lhe disse: [Você é a q]ue reina sobre to]dos os poderes do mar e sobre os portos [e sobre]...? [E eu vi] a terceira árvore [e] eu disse [a ela: Qual é o seu nome e por que] a sua aparência... 3. ...Deus Altíssimo...”. In: VERMÈS, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997.

é feita a partir de quatro árvores e não de uma estátua<sup>9</sup>. Assim, as árvores também apresentam certo caráter cósmico – como a árvore do BY – mostrando que os paralelos entre os dois complexos míticos são bastante próximos. O que antes na mitologia iraniana era uma árvore representando quatro impérios por meio de seus galhos, agora se transforma em quatro árvores, cada uma assumindo o papel de um reino. Obviamente estamos tratando de um texto fragmentário, mas a idéia inicial de árvores simbolizando quatro impérios mundiais está presente em 4Q552-553, já que é inicialmente mencionado o número de quatro reinos.

Segundo Eliade, a imagem da árvore cósmica se faz presente em vários mitos para simbolizar o cosmos e sua seqüência de nascimentos e mortes, além de exprimir as idéias de vida, juventude, imortalidade e sapiência. Assim, a árvore consegue exprimir tudo o que é sagrado, logo “real”, para o homem religioso. A sacralidade da árvore acaba por desvendar as estruturas mais complexas do mundo, do ponto de vista mítico<sup>10</sup>.

A árvore cósmica ou árvore do mundo se confunde com a idéia da árvore da vida e pode assumir diversas funções, conforme o complexo mítico em que esteja inserida. Bottéro comenta que na Mesopotâmia a árvore cósmica está integrada com elementos históricos: no poema *Erra* 150, a descrição feita é a de uma árvore gigante, de características cósmicas ligadas à tradição israelita<sup>11</sup>. Em Ez 31:3-8, uma espécie de cedro do Líbano também é descrito como nutrido pelas águas primordiais, sendo maior que todas as outras árvores e assumindo uma dimensão cósmica.

Em Dn 4:7b-9 também se encontra a descrição de uma árvore de grande altura, no centro da Terra, que atinge o céu e tem folhagem e frutos em abundância, notadamente representando características de uma árvore da vida.<sup>12</sup> Tanto Dn quanto Ez fazem uso de uma mesma tradição mítica, com origens na árvore cósmica mesopotâmica. Parpola defende a tese de que a árvore da vida assíria simboliza a ordem mundial divina, mas não só se referindo ao macrocosmo, como também ao homem como um microcosmo (o homem ideal criado à

---

<sup>9</sup> Além desta distinção, em Dn 2 o reino dos babilônicos é anterior ao persa, ao passo em que em 4Q552-3 há uma inversão da ordem.

<sup>10</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano – a Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 123-126.

<sup>11</sup> HULTGÅRD, Mythe et Histoire dans l'Iran Ancien. In: WIDENGREN, p. 121.

<sup>12</sup> A tradução de tal passagem em Dn 4-5 (LXX) apresenta variações sensíveis na descrição da árvore cósmica, o que a torna uma variante independente do mito. Nessa variante, o grande tamanho da árvore é fortemente evidenciado, a amplitude dos ramos indicados por medidas e sua folhagem é cheia de tudo que está abaixo do céu. Também mostra o sol e a lua habitando a árvore e iluminando toda a terra.

imagem de Deus).<sup>13</sup> Muito desta ideologia também circula entre os reis aquemênidas iranianos que, assim como os assírios, viam na árvore da vida um símbolo da monarquia imperial, pois era a representação também do rei.<sup>14</sup>

Na Índia antiga as idéias de árvore cósmica são muito variáveis, suas descrições textuais completas são bastante tardias e oferecem reinterpretações especulativas dos mitos na época védica ou pré-védica. Entre tais árvores está a árvore *aśvattha* (citada no *Atharvaveda*), que aparentemente liga-se à árvore iraniana portadora de todas as sementes por sua função curativa e à *Soma* (descrita no *Rigveda*), planta divina com aspectos cósmicos – e talvez rituais e alucinógenos também.

No norte da Europa, em períodos muito remotos, a árvore mítica aparece para os povos bálticos com o nome de *saules koks* (“árvore do sol”), mas não apresenta traços cósmicos com clareza, ao contrário da “árvore cósmica” escandinava que aparece nos poemas *Völuspá* e *Grimnismál*. No *Völuspá* a árvore gigante se chama *Yggdrasil* e eleva-se majestosamente sobre a terra com nove galhos que são interpretados como nove mundos (esses mundos aparentemente relacionam-se com as nove montanhas dentro do tronco da árvore cósmica citadas no *Bundabišn*<sup>15</sup>). Nos *Grimnismál* a árvore aparece com três raízes que se estendem por três lados diferentes, onde mora a deusa do subterrâneo *Hel* num dos lados, os gigantes noutro e os homens no terceiro lado. No *Grimnismál* 35, em especial, a árvore mítica simboliza o mundo em seu aspecto temporal.

Ao falar sobre os deuses indo-iranianos, Boyce realça o papel da árvore de todas as sementes, também chamada de “árvore de toda a cura”, que cresce no mar *Vourukasha*. Segundo ela, a crença nessa árvore provavelmente está ligada aos cultos de árvores posteriores, nos quais é comum a veneração a grandes árvores com poder de cura<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Segundo o mesmo, a árvore estilizada com significados religiosos já aparece em 4.000 a.C. na Mesopotâmia e em 2.000 a.C. já está difundida no Oriente Próximo. PARPOLA, Simo. The Assyrian Tree of Life: Tracing the Origins of Jewish Monotheism and Greek Philosophy. In: *Journal of Near Eastern Studies* 52.3 (1993): 173.

<sup>14</sup> EDDY, Samuel. *The King is Dead: Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism* 334-31 B.C. Lincoln: University of Nebraska Press, 1961, pp. 26-29.

<sup>15</sup> O *Bundabišn* mantém-se em duas versões: o “Grande *Bundabišn*” e o “Pequeno *Bundabišn*”, indiano. Mary Boyce considera que esses textos podem ser em parte pré-zoroastrianos e muitos estudiosos afirmam que estes reproduzem material perdido do avéstico *Dâmdât Nask*.

<sup>16</sup> BOYCE, Mary. *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices*. London/New York: Routledge & Kegan Paul, 1979, p. 7.

Nas coleções de textos *Vidēvdāt*<sup>17</sup> e nos comentários do tipo *Yasht* se encontram temas míticos relacionados à idéia de uma árvore gigante. O *Yasht* 12, dedicado à *Rašnu*<sup>18</sup>, menciona uma árvore mítica. No *Vidēvdāt*, uma árvore cósmica é citada como enraizada no oceano mítico e em seus frutos estão as sementes de todas as plantas da terra; a árvore é um grande reservatório genético da vida vegetal, configurando-se como árvore da vida em sentido estrito. Também no *Avesta*, é possível encontrar em várias passagens alusões a uma planta divina misteriosa chamada *Gaokərəna* (ou *Gōkarn*), que na tradição *pahlavi* é uma árvore. Tudo leva a crer que a *Gaokərəna* é a planta mítica (*Soma*) desta mesma tradição.<sup>19</sup>

No *Bundahišn* IA,11, é descrita a Planta primordial criada por Ahura Mazda, que em seguida é destruída por Angra Mainyu, o Espírito do Mal. Este último e seus demônios sofrem o contra-ataque das entidades primordiais, incluindo o Céu, a Terra, as Águas e a Planta, promovendo assim a continuação da criação material. Aqui encontramos na Planta primordial a associação com a idéia de imortalidade, já que a vegetação passa a ser protegida pelo deus da imortalidade *Aməratatāt*. No *Bundahišn* 16.D5-6 e nas *Seleções de Zātspram* 3.39-40, Ahura Mazda fala da árvore única portadora de todas as sementes.<sup>20</sup> Essa árvore mítica está bem próxima da *Soma* e da *Gaokərəna*, mas com outros elementos míticos.

[...] *De todos estes grãos, a árvore única portadora de numerosas sementes, portadora de remédios, crescia no mar de Fraxvkart, no qual se encontram todas as sementes das plantas, aquelas que provêm do bovino unicamente criado. A cada ano, o pássaro Sēn faz secar esta árvore única e mistura os grãos com água. Tištar os pega e os faz chover sobre as regiões da terra com a água da chuva. Próximo desta árvore única, o hōm branco, curandeiro e puro de toda a mancha, crescia sobre as fontes das águas do Ardvīsūr. Quem a come se tornará imortal. O nome dessa árvore é Gōkarn; como dizemos: o hōm que afasta a morte; e no momento da Renovação preparará a imortalidade. Este é o chefe das plantas [...].*

Na verdade, a tradição iraniana separa a árvore portadora de todas as sementes da *Soma*, que são as duas grandes árvores cósmicas. A Planta primordial, mesmo sendo descrita como a

<sup>17</sup> Do avéstico *Vī-Daēvō-Dāta*, “dado contra os demônios”, coleção de textos do Avesta que configura um código eclesiástico e não um manual litúrgico. Principal fonte da lei zoroastriana, é uma enumeração de várias manifestações a espíritos maléficos e de maneiras de confundi-los.

<sup>18</sup> *Rašnu* é a divindade da justiça e da ordem na mitologia iraniana.

<sup>19</sup> HULTGÅRD, Mythe et Histoire dans l’Iran Ancien. In: WIDENGREN, pp. 111-114.

<sup>20</sup> O *hōm* é tido como o equivalente da *Soma* védica.

*Soma*, fenomenologicamente, apresenta diferenças com as duas grandes árvores míticas. No entanto, Hultgård apresenta argumentos filológicos, que não temos como desenvolver aqui, para mostrar a ligação da árvore cósmica do BY com a árvore portadora de todas as sementes.<sup>21</sup>

O aspecto cósmico da árvore mítica do BY a torna símbolo da criação do mundo, já que é uma variante da árvore única portadora de sementes. Também símbolo de criação do mundo é o homem primordial indiano descrito por Bardesanes (*Bar Daisan*), gnóstico sírio que viveu de 155 a 223 d.C. e teve contato com a natureza da religião indiana a partir de um brâmane. É a partir dele que se tem contato com a figura do homem primordial nesta cosmogonia<sup>22</sup>. Segundo ele, o homem primordial estaria de braços estendidos (o que se pode imaginar como em posição semelhante à de uma árvore) e no centro da terra. Sendo andrógino, esse homem primordial corresponde ao corpo do Deus supremo (*Visnu-Nārāyana*), assim como todos os homens do primeiro período do mundo, que são representações do microcosmo.

[...] *Em uma caverna, situada sobre a montanha ao centro do mundo, se encontra a estátua de um homem, cuja altura é de 10 a 12 cúbitos [cerca de 5 a 6 metros]. Este homem está de pé, os braços estendidos, como se estivessem crucificados. Sua metade direita é masculina, ao passo que sua metade esquerda é feminina. Sobre o lado direito de seu busto se encontra o sol, do lado esquerdo a lua. Abaixo dos seus braços estão figurados vários seres espirituais [angelo] e tudo o que existe no mundo: o céu, as montanhas, o mar, os rios, o oceano, as plantas, os animais. Deus deu esta estátua a seu filho a fim de ter um modelo no momento da criação do mundo [...].*

No “Hino de Skambha” (*Atharvaveda* 5.32-34), Indra é simbolizado por um tronco, o que faz com que a conexão entre o mito do homem primordial e o da árvore cósmica do BY seja ainda mais explícita. O corpo de Deus passa então a ser a própria árvore cósmica, propiciadora da vida e o homem primordial, sendo sua cópia e gerando novos homens, acaba por ter a função de portador da semente da vida.

<sup>21</sup> Hultgård analisa as formas com que aparece a menção à árvore cósmica do BY e à árvore portadora de todas as sementes no *Bundahišn* e nas *Seleções de Zātspram*, pois o texto *pahlavi* não deixa claras as semelhanças semânticas entre os dois termos. Ambas as árvores têm em seu nome original o epíteto de “só”, “única” derivados do avéstico *aēva-*, que também mostra a ligação desta árvore única com o “bovino primordial”, o qual recebe o nome de “unicamente criado” (*ēvdāt* ou *ēvakdāt*, de prefixo derivado do *aēva-*). HULTGÅRD, Mythe et Histoire dans l’Iran Ancien. In: WIDENGREN, pp. 117-118.

<sup>22</sup> Tal relato de Bardesanes consta na *Écloga* de Stobias (Stobias 2.2, tal como preservado em Fócio, *Biblioteca* - texto bizantino do séc. IX), compilador macedônico do séc. V d.C.

A multiplicação dos homens a partir do homem primordial está diretamente ligada ao esquema das quatro eras indianas, as *yugas*, descritas no *Mahābhārata*. As “quatro idades do mundo” significam os quatro períodos de vida do corpo divino, sua piora gradual e seu envelhecimento. São elas: *krita*, *treta*, *dvāpara* e *kali* e representam uma degradação sucessiva. No primeiro período, *krita*, o *dharmā* (“lei”) domina o universo e a vida de cada homem dura 4.000 anos, eles têm juventude eterna, os deuses e os demônios ainda não existem e a cor de *Visnu* é branca; no segundo período, *treta*, já há uma divisão entre homens e mulheres, surgem as profissões e a propriedade individual e o *dharmā* é reduzido em um quarto, bem como a vida dos homens, e a cor de *Visnu* é vermelha; no terceiro período, *dvāpara*, o *dharmā* é diminuído em outro quarto, as moléstias e a avareza atacam os homens e a cor de *Visnu* é amarela; no último período, *kali*, todas as catástrofes manifestam-se e a população diminui, os homens são pequenos e fracos, só resta um quarto do *dharmā*, propagam-se as heresias e a cor de *Visnu* é negra<sup>23</sup>. O paralelo com a degeneração da raça humana em *O trabalho e os dias* de Hesíodo é evidente e muitos dos males se assemelham:

*Raça de Ouro*

[...] *Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;  
como deuses viviam, tendo despreocupado coração,  
apartados, longe de penas e misérias; nem temível  
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,  
alegravam-se em festins, os males todos afastados,  
morriam como por sono tomados [...].*

*Raça de Prata*

[...] *e quando cresciam e atingiam o limiar da adolescência  
pouco tempo viviam padecendo horríveis dores  
por insensatez; pois louco Excesso não podiam  
conter em si, nem os imortais queriam servir [...].*

*Raça de Bronze*

[...] *nenhum trigo  
eles comiam e de aço tinham resistente o coração;  
[...] E por suas próprias mãos tendo sucumbido  
desceram ao úmido palácio do gélido Hades [...].*

<sup>23</sup> WIDENGREN, Geo. Les Quatre Ages du Monde In: In: WIDENGREN, pp. 24-25.

*Raça dos Heróis*<sup>24</sup>

[...] *Zeus Cronida fez mais justa e corajosa,  
raça divina de homens e heróis e são chamados  
semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim [...].*

*Raça de Ferro*

[...] *Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia  
cessarão de labutar e penar e nem à noite de se  
destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão [...].*

Parece haver relação entre as *jugas* indianas e as quatro idades representadas por galhos metálicos em BY 1. Em ambas as eras são divididas em quatro (sendo que no apocalipse persa elas são mais ou menos historicizadas, como vimos) e também há uma degradação gradual dos tempos, idéia que pode ser relacionada ao curso do ano e à passagem das estações. É evidente que o BY mostra-se mais complexo em sua estrutura, mas é também clara sua conexão com a cosmogonia indiana relativamente não só às quatro idades do mundo, mas também ao papel da árvore cósmica. E não só isso: as duas tradições possuem uma árvore da vida (*aśvattha* e *Gaokarāna*, já citadas) ao centro do mundo, em cujos galhos se encontram seres divinos encarregados de levar sementes ou a *Soma* para o deus da chuva – *Indra* para os indianos e *Tištar* para os iranianos<sup>25</sup>.

A partir destas informações, poderíamos ver também uma conexão entre o homem primordial indiano, com seu corpo disposto como uma árvore, e a estátua daniélica? Afinal, ambas são estátuas que mostram uma forte ligação com a árvore cósmica do BY e no caso da tradição daniélica, isso fica mais evidente ainda após a análise do manuscrito 4Q552-553. Há, portanto, a possibilidade da estátua de Dn 2 estar de braços abertos no sonho do rei babilônico, como o homem citado por Bardesanes, mostrando não só paralelos com a árvore do BY, que já são bastante óbvios, mas também com o mito indiano. O papel da árvore cósmica é um dos carros-chefe desta investigação, que pretende mostrar a passagem de um complexo mítico de origem indiana pelos universos culturais iraniano e judaico, entrelaçando funções semelhantes nas três tradições.

---

<sup>24</sup> Nota-se aqui um novo elemento no mito dos metais representando as quatro idades do mundo. A Raça dos Heróis, além de se interpor entre os metais, também altera a seqüência degenerescente do texto ao falar de um período tranquilo antes da Raça de Ferro.

<sup>25</sup> VIENNOT, Odette. *Le Cult de l'Arbre dans l'Inde Ancienne*. Paris: P.U.F., 1954, p. 30.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOYCE, Mary. On the Antiquity of Zoroastrian Apocalyptic. In: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 47 (1984): 57-75.

\_\_\_\_\_. *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices*. London/New York: Routledge & Kegan Paul, 1979.

CERETI, Carlo G. (ed.). *The Zand I Wahman Yasn, a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Instituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

COLLINS, Adela Y. Numerical Symbolism in Jewish and Early Christian Apocalyptic Literature In: HAASE, Wolfgang & TEMPORINI, Hildegard (eds.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* (ANRW) II.21.2. Berlin: De Gruyter, 1984, pp. 1222-1287.

COLLINS, John J. (ed.). Persian Apocalypses. In: *Semeia* 14 (1979): 207-217.

COLPE, Carsten. Sethian and Zoroastrian Ages of the World. In: *The Rediscovery of Gnosticism*. Vol. 2. Leiden: B. Layton, 1981, pp. 540-562.

EDDY, Samuel. *The King is Dead: Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism 334-31 B.C.* Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano – a Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLUSSER, David. Os Quatro Impérios no Quarto Sibila [sic] e no Livro de Daniel In: FLUSSER, D. (ed.). *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GARCÍA-MARTÍNEZ, Florentino. 4Q Pseudo Daniel Aramaic and the Pseudo Daniel Literature In: GARCÍA-MARTÍNEZ, Florentino (ed.). *Qumran and Apocalyptic: Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. Leiden: Brill, 1992.

HARTMAN, Lars. The Functions of Some So-Called Apocalyptic Timetables. In: *New Testament Studies* 22 (1976): 1-14.

HASEL, Gerhard. The Four World Empires of Daniel 2 Against its Near Eastern Environment. In: *Journal for the Study of the Old Testament* 12 (1972): 17-29.

HULTGÅRD, Anders. Mythe et Histoire dans l'Iran Ancien In: WIDENGREN, Geo et alli. *Apocalyphtique Iranienne et Dualisme Qoumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

\_\_\_\_\_. Persian Apocalypticism In: COLLINS, John J. (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. Vol 1. New York: Continuum, 1998, pp. 39-83.

LECHLER, George. The Tree of Life in Indo-European and Islamic Cultures. In: *Ars Islamica* 4 (1937): 369-420.

LAFER, Mary de Camargo N. (ed.). *Os Trabalhos e os Dias – Hesíodo*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

PARPOLA, Simo. The Assyrian Tree of Life: Tracing the Origins of Jewish Monotheism and Greek Philosophy. In: *Journal of Near Eastern Studies* 52.3 (1993): 161-208.

VERMÈS, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997.

VIENNOT, Odette. *Le Cult de l'Arbre dans l'Inde Ancienne*. Paris: P.U.F., 1954.

WIDENGREN, Geo. Les Quatre Ages du Monde In: WIDENGREN, Geo et alli. *Apocalyptique Iranienne et Dualisme Qoumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

WINSTON, David. The Iranian Component in the Bible, Apocrypha and Qumran: a Review of the Evidence. In: *History of Religions* 5 (1966): 183-216.